

## VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

### Carlos RIZZINI (1898-1972)

Nossa publicação já se ocupou de Carlos Rizzini a propósito de seu falecimento ocorrido no dia 19 de julho de 1972. O que então escrevemos, integrando o nº 36, de agosto daquele ano, da NBH pode ser considerado suficiente para uma apreciação, embora sumária, de sua vida e obra. Se, praticamente, repetimos o artigo, com alguns acréscimos e juntando valioso excerto de um de seus livros, foi pela consideração que nos merece o transcurso de seu centenário, a ser celebrado no dia 25 de novembro próximo. Sabemos que diversas entidades, especialmente as ligadas ao jornalismo, estão se preparando para assinalar de maneira condigna a significativa efeméride centenária.

Carlos de Andrade Rizzini nasceu na histórica cidade paulista de Taubaté. Transferindo-se ainda menino para o Rio de Janeiro, ali cursou o Colégio Pedro II e, posteriormente, a Faculdade de Direito, pela qual se bacharelou. Na antiga Capital Federal iniciou sua vida de imprensa, primeiro no "Rio-Jornal" e depois em "O Jornal", no período de 1919 a 1921. Foi o ponto de partida de uma brilhante carreira jornalística que o levou a dirigir alguns dos maiores órgãos da imprensa brasileira, especialmente na cadeia dos "Diários Associados", tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, para onde voltou definitivamente em 1959. Residiu por algum tempo em Petrópolis, militando na imprensa e na política como vereador à Câmara Municipal da importante cidade serrana. Foi também deputado estadual no Estado do Rio de Janeiro e em São Paulo exerceu diversos cargos públicos, entre os quais o de Secretário da Educação e Cultura da Municipalidade, de 1961 a 1965. Lecionou na Escola de Jornalismo "Casper Libero", da capital paulista e pertenceu à Academia Paulista de Letras, onde sucedeu ao Professor Spencer Vampré na cadeira que tem como patrono outro grande jornalista, Rangel Pestana.

Carlos Rizzini foi antes de tudo e sobretudo homem de jornal. Viveu do jornal e para o jornal. O jornal levou-o à História. A princípio, a História do jornal; depois, à história da tipografia e entre uma e outra produziu um dos mais importantes ensaios da bibliografia histórica brasileira, qual o volume em que estuda a personalidade de Hipólito da Costa e sua atuação à frente do "Correio Braziliense".

De como veio a escrever essa obra e qual seu objetivo, deixemos o próprio autor falar, transcrevendo alguns trechos do prefácio do livro:

"Por um golpe de sorte", segundo sua própria declaração, Rizzini adquiriu em Buenos Aires uma coleção completa do "Correio Braziliense", o jornal editado em Londres por Hipólito da Costa, de suma raridade e valia. "Lendo-o" - prossegue o autor - confirmei-me nas lacunas e deficiências, antes constatadas na biografia de Hipólito e no geral desconhecimento do sentido e da extensão de sua ação jornalística. Ignorava-se: onde fora sepultado; se existiria o seu túmulo; que família constituiria; que filhos deixara e se destes haveria descendentes atuais. Tampouco se sabia: o exato motivo e o efeito de sua primeira estada em Londres; a profundidade de suas relações com o Duque de Sussex; a natureza de sua desavença com o ministro português na Inglaterra; e se este o processara mesmo por crime de difamação, quando e com que desfecho; se, de fato, fora o jornalista naturalizado cidadão britânico; e se cedera ou não ao suborno oferecido pelo mencionado diplomata. Todos esses pontos básicos estão esclarecidos e documentados nesta obra".

Mais ainda: analisando os escritos de Hipólito à luz das controvérsias que suscitaram e dos fatos envolventes, a influência por ele exercida na formação de nossa consciência política, salientando as razões que, levando-o a longo e pertinaz combate aos erros e males sociais, administrativos e políticos do Brasil e de Portugal, também o levaram a opor-se à separação dos dois reinos. "Apologista extremo de Monarquia Portuguesa, Hipólito só capitularia com a Independência, em 1822"

A obra é dividida em cinco "livros". O primeiro, **Vicissitudes de um sementeiro de idéias no ocaso do absolutismo**, compreende três capítulos: 1. "Os caminhos da liberdade"; 2. **"Os 18 anos de Inglaterra"**; 3. "A terrível invenção de um jornal português na Inglaterra". O segundo

livro, **Ensaio sobre o estado mental, social e político do Brasil do limiar do século XIX**, consta também de três capítulos: 1. "Entrada e circulação dos conhecimentos e das idéias, escolas, livros e periódicos"; 2. "Assimilação: a literatura colonial publicada em tempo e fora de tempo, e a inédita ou perecida; Academias Literárias; Correios", 3. "Formação de uma consciência própria: academias secretas, clubes maçônicos; pasquins; pruridos autonomistas"

O "livro" terceiro, **A ação esclarecida e tenaz do "Correio Braziliense" contra a opressão, a ignorância, a corrupção e o servilismo nos Estados Portugueses**, compreende quatro capítulos: 1. "Um periódico livre entre Portugal subjugado e a América Espanhola rebelada"; 2. "Combate às instituições anacrônicas, ao despotismo dos governantes e a censura ao pensamento escrito"; 3. "Esforços ininterruptos para disciplinar o comércio e o crédito, incrementar a navegação, varrer os monopólios e moralizar as finanças públicas"; 4. "Um abolicionista, entusiasta da imigração branca, a braços com as arbitrariedades na Inglaterra e a ameaça de súbita extinção da escravatura". O "livro" quarto, **Partidário da unidade da pátria portuguesa, opõe-se obstinadamente o "Correio" à separação do Brasil**, apresenta-nos três capítulos: 1. "Pela volta dos Estados Portugueses às franquias e às corporações eletivas da sua primitiva organização política"; 2. "Pregando caber as revoluções aos governos, reprovando o Correio o levante republicano e aprova o constitucional do Porto"; 3. "Preservando a integridade da monarquia, apoia Hipólito a descentralização do governo do Brasil, o enfraquecimento das províncias e a revocação do Príncipe-Regente".

Finalmente, o "livro" quinto, **Revoltado com a dilaceração e a degradação do Brasil, adere o "Correio", em julho de 1822, ao movimento da Independência**, com dois capítulos: 1. "Acima da união dos reinos, a integridade territorial e política do Brasil"; 2. "Constituição simples, reformas lentas, ministros responsáveis, Senado, política americana, finanças saneadas, uma poderosa força naval - as últimas advertências do Braziliense".

Representa, assim, esta obra, uma preciosa contribuição à história da cultura no Brasil, especialmente para a compreensão do "clima" do importante período vivido pelo país no início do século XIX.

Além dessa importante obra, que julgamos oportuno registrar detalhadamente em todo o seu extenso leque de assuntos, deixou Carlos Rizzini "**O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1946) e O jornalismo antes da tipografia (1968)**", onde versa assunto por assim dizer inédito em nosso idioma, o que o torna indispensável para os estudantes de história, de biblioteconomia, de literatura, enfim para todos os interessados no estudo das fontes não impressas anteriores ou mesmo posteriores ao invento de Guttenberg. Nele, o autor estuda as atas romanas, os jornais, os trovadores e os cronistas medievais, os novidadeiros de rua e de café, o papel, o correio, a carta, a gazeta manuscrita, a sátira e o pasquim.

Sobre **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil**, recolhemos alguns dados de uma judiciosa apreciação publicada pelo jornalista João Alves das Neves no "Jornal da Tarde", de São Paulo, de 1º de abril de 1989: "É obra das mais importantes e abrangentes, pois vai de 1500 a 1822. Está dividida em dois "livros": o primeiro aborda não somente a informação geral e epistolar, mas igualmente um histórico da evolução da imprensa; o "livro" segundo registra as primeiras impressões conhecidas acerca do Brasil, desde a histórica e "jornalística" carta de Pero Vaz da Caminha, assim como observações referentes aos meios coloniais de comunicação, primeiros jornais e academias literárias, clubes secretos, lojas maçônicas (pois estes, embora específicos, foram também meios de comunicação), além de proporcionar muitos dados sobre a implantação da tipografia e os pioneiros da imprensa, terminando com referências ao jornalismo no Rio de Janeiro e na província, até a Independência".

Preocupou-se, ainda, Rizzini nesse livro em destruir a afirmação da existência de imprensa ou simples tipografia em Pernambuco durante o domínio holandês (século XVII). Refere-se, contudo, à existência, ali, de um prelo no século XVIII, mas de duração efêmera; dele, sabe-se que imprimiu uma **Relação de entrada** do bispo D. Antônio do Desterro, um romance "heróico", **Em aplauso**, de autoria do mesmo prelado e as **Conclusões metafísicas**, em latim, de um certo Francisco Braga.

Além das diversas entidades culturais a que emprestou sua colaboração, entre elas a Academia Paulista de Letras e a Faculdade de Jornalismo "Casper Libero", cumpre mencionar uma, de sua própria criação: a "Ordem dos Velhos Jornalistas", que vem de completar seu

trigésimo aniversário, atualmente uma das mais atuantes agremiações culturais da capital paulista, agregando profissionais da imprensa de todo o Estado de São Paulo.

**BIBLIOGRAFIA**  
**(apenas em livros)**

**O livro, o jornal e a tipografia no Brasil.** Rio de Janeiro, Kosmos, 1945.

**O ensino do jornalismo.** Rio de Janeiro, 1953.

**Hipólito da Costa e o "Correio Braziliense"**. São Paulo, Editora Nacional, 1957, Coleção Brasileira, grande formato, vol. 13.

**O jornalismo antes da tipografia.** São Paulo, Editora Nacional.1968.